

ESPERANÇA NO AR

Roberto Rodrigues*

A expectativa de todos os brasileiros quanto ao cenário econômico e político do país sempre se manifesta pelo seu estado de ânimo, independente do setor de atividade. Portanto, no campo isso é também uma verdade. O Índice de Confiança do Agronegócio - ICAGRO, medido trimestralmente em conjunto pela OCB e FIESP, é um termômetro muito claro dessa afirmação. O melhor índice alcançado antes do último trimestre do ano passado tinha sido na passagem do primeiro para o segundo trimestre de 2016, quando Dilma Rousseff foi afastada da Presidência da República. Seu governo era considerado tão negativo pela sociedade em geral- arruinando o equilíbrio fiscal e gerando um desemprego sem precedentes- que sua saída foi um alívio traduzido pelo aumento significativo do ICAGRO. E afinal o Governo de Michel Temer acabou deixando um legado muito razoável, desde a criação do Teto de Gastos da União, passando pela reforma da legislação trabalhista, derrubando a inflação para abaixo da meta, reduzindo a Taxa Selic, e se não fosse o tolo episódio JBS/Janot, talvez tivesse conseguido fazer a reforma da previdência.

Mas a eleição de Jair Bolsonaro em novembro passado teve influência parecida sobre o ICAGRO. A expectativa de equilíbrio das contas públicas, de inflação e juros baixos, das reformas essenciais e das privatizações, da esperança de retomada de investimentos, da geração de empregos e da forte linha de combate ao crime e à corrupção, foram fatores que entusiasmaram a população, e não deu outra : com entrevistas realizadas do final de novembro a meados de dezembro de 2018, o Índice de Confiança do Agronegócio teve o maior aumento desde a sua criação : subiu 115,8 pontos, um salto de 15,4 pontos sobre o trimestre anterior, o terceiro do ano. Vale lembrar que o nível 100 é neutro, e o que for acima dele é positivo, revela otimismo.

Interessante notar que o ICAGRO foi positivo em todos os elos das cadeias produtivas. No segmento industrial "antes da porteira", dos insumos, o crescimento foi o maior, de 27,6 pontos, atingindo o índice de 122,9 pontos. É claro que isso se deve em grande parte aos resultados bons de 2018 para este segmento (especialmente por causa da alta dos preços de fertilizantes e seu aumento de consumo), como de resto também foi no campo com safra recorde e preços em geral favoráveis. Mas não há dúvida que o fator eleitoral também contribuiu. A indústria "depois da porteira" cresceu menos, 13,9 pontos, mas o índice foi muito alto, de 114,8 pontos. E só não foi maior por causa de um setor que vem sofrendo há anos com preços ruins e política pior, o sucroenergético, duramente atingido por erros de Dilma Rousseff. E os problemas da Operação Trapaça também afetaram os frigoríficos.

Os agropecuaristas mostraram alta de 12,1 pontos, chegando ao índice de 113,8. Os agricultores tiveram o índice 115,2 que só não foi maior por causa dos aumentos de custos de produção, em especial de fretes. Mesmo assim, foi maior que o dos pecuaristas, de 109,6 pontos, mas cujo crescimento foi de 20,7 pontos,

muito bom diante de episódios como o fechamento de muitos frigoríficos e a perda de renda de integrados de suínos e aves.

Tudo muito positivo, mostrando confiança no futuro.

O ano de 2019 não será tão bom para a economia rural, com quebra de safras por causa de secas localizadas e renda rural menor, mas pode ser que o cumprimento de promessas de campanha do novo governo supere estas perdas e talvez tenhamos um ICAGRO otimista nos próximos trimestres.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas**